

Carlos Leone

O essencial sobre

ANTÓNIO SÉRGIO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Diz-se, como sabeis, que estamos sofrendo de uma crise moral. Moral? Não o creio. *Social* sim; digamos *social* e diremos justo. Crise difícil de resolver, porque a acompanha, por desgraça, a crise das crises para quem está em crise, que é a crise *intelectual*. Santificai os portugueses todos, — e a nossa crise persistirá; porque, repito, é uma crise de formação social.

«As Duas Políticas Nacionais» (1925)

ANTÓNIO SÉRGIO

NOTA INTRODUTÓRIA

É comum ler que António Sérgio foi um pensador polemista por natureza, avesso a sistematizações. E isto mesmo o confirma o mais breve contacto com a sua Obra, maioritariamente composta por ensaios de natureza, temas, complexidade e extensão muito diversas. Tudo isto, e ainda a habitual negligência com que se trata a cultura portuguesa, contribui para explicar o apagamento, relativo, parcial, mas ainda assim gradualmente maior, de António Sérgio e da sua Obra nas décadas mais recentes. Em rigor, tal situação começou ainda durante a sua própria vida, tal como começaram as homenagens à sua actividade ensaística e cívica.

Contudo, não é necessário um trabalho muito longo para assinalar de forma ordenada as linhas de força da unidade que, em António Sérgio, formavam pensamento e acção. Ele próprio, e desde bem cedo, fez os possíveis para assinalar essas continuidades

e, mesmo que não aceitemos a sua auto-interpretação como inteiramente válida (há, de facto, motivos suficientes para discordarmos de alguns aspectos dela, sobretudo em matérias filosóficas e científicas), não faltam já estudos bem diversos que atestam em favor de uma unidade merecedora de reconhecimento. Este volume da colecção «O Essencial sobre...» é um pequeno contributo nesse sentido.

Tomando em atenção a forma ensaística que Sérgio privilegiou para se exprimir, parece-nos pouco conveniente tentar acomodar toda a diversidade da sua produção escrita, a que haveria ainda que somar a sua actividade política, ou, como preferimos dizer, cívica, num só todo, unitário e sem descontinuidades. Optamos, assim, por dar conta do essencial dessa unidade de pensamento e acção através de uma biografia desdobrada em planos que, mais do que se suceder, se sobrepuseram. A biografia propriamente dita, mais do que ser um plano específico entre outros, será a soma de todos, num todo maior que as partes que o constituem.

Uma primeira abordagem, assaz convencional, é de tipo enciclopédico. A vida e as obras que Sérgio viveu e deixou formam a porta de entrada naquilo que de essencial dele hoje podemos reter. Essa con-

tinuidade, a única que subjaz a todas as discrepâncias teóricas e práticas do que fez, é como que naturalmente a introdução a tudo o resto.

Na senda do muito que já foi escrito sobre Sérgio, parece-nos apropriado dar conta na sua obra, em primeiro lugar, dos aspectos filosófico e científico. A relação entre os dois não é acidental, antes essencial: desde cedo a ambição modernizadora de Sérgio verteu-se sobre a sociedade portuguesa na forma de um discurso entusiasta da ciência europeia moderna, mas não de uma forma tecnocrática, antes sim de matriz filosófica. Em si mesmo isto não é de estranhar, atendendo à ligação umbilical que, na modernidade, filosofia e ciência mantiveram. Todavia, no meio cultural que Sérgio conheceu era uma relativa originalidade, que ele denodadamente explorou. Cumpre perceber qual foi, ou quais foram «a(s) filosofia(s) de Sérgio» para perceber que modernização técnico-científica ele pretendia para Portugal.

Esclarecidas estas opções metodológicas — ideológicas, até, se se quiser —, podemos acompanhar outro dos seus percursos, simultâneo com o anterior mas que logicamente lhe é posterior ou subordinado. A visão sergiana da História (de Portugal e da Europa) e as suas propostas de transformação social

de tipo cooperativo (um privilégio à Economia igualmente invulgar no seu tempo, e até há bem pouco) evoluíram ao longo do tempo, mas nem por isso foram parciais ou contraditórias em demasia. Fruto, mais ainda que as suas teses filosófico-científicas, de uma gestação polémica, num espaço público marcado por confrontações muitas vezes personalizadas, o pensamento de Sérgio sobre a História reflecte muitos dos seus princípios teóricos, ainda que apenas aproximadamente. De igual modo, as suas propostas de reforma da organização económica, logo social, de Portugal exprimiam politicamente a sua visão da modernidade e do que o futuro deveria ser para um Portugal europeu (ainda que, como já foi observado várias vezes, Sérgio e a sua geração, apesar de demoliberais, nunca deixaram de conceber as colónias como parte de Portugal).

Tudo isto nos conduz aos aspectos mais conhecidos e polémicos do homem público António Sérgio: a sua acção política e o seu empenhamento cívico. São dois aspectos verdadeiramente indiscerníveis, mas cremos ser indicado distingui-los ao menos analiticamente: por «acção política» referimo-nos ao seu envolvimento na vida política da I República (tendo sido mesmo, por breve período, ministro da Educa-

ção) e do Estado Novo, do qual sempre foi opositor (e, durante algum tempo, exilado); por «empenhamento cívico» referimo-nos ao papel capital que o tema da educação teve na sua Obra (filosófica, científica, histórica, económica e política), articulando os seus aspectos mais teóricos ou especulativos com o seu envolvimento pessoal em causas comuns, desde os constantes apelos à juventude (constante em polémicas literárias, ideológicas, históricas, etc.) até à sua acção política, no sentido mais amplo e nobre do termo. Tal como os vários planos anteriores, também aqui há toda uma vida, com as suas próprias complexidades, incertezas e surpresas.

Não sendo possível dar conta de tudo o que Sérgio foi e fez, terminamos este *Essencial* com um esboço de conclusão dedicado à sua fortuna crítica póstuma e com indicações de leitura para lá das que efectivamente citamos ao longo do texto. A posteridade de Sérgio, pese embora o apagamento do seu autor desde a sua morte (salvo do esquecimento por várias teses académicas, diga-se), recomenda que em *O Essencial sobre António Sérgio* se inclua o essencial do que sobre ele se escreveu.

Ajuda, Janeiro de 2008.

1

VIDA E OBRAS

António Sérgio de Sousa Júnior nasceu a 3 de Setembro de 1883 em Damão. Manteve sempre alguma reserva tanto sobre esta origem indiana (por parte de sua mãe) como sobre a sua ascendência nobiliárquica (visconde, título concedido por D. Luís a seu avô, o almirante Sérgio de Sousa, ajudante-de-campo do rei e governador-geral do Estado da Índia). Certo é que, oriundo de uma família fidalga do liberalismo, seguiu o rumo familiar, pois também seu pai era vice-almirante e governador do distrito de Damão, bem como membro do Conselho do rei D. Carlos. Assim, Sérgio começou por fazer carreira na marinha, ainda durante a Monarquia. Tinha voltado a Lisboa, com a família, apenas com 2 meses de idade. Mas logo aos 6 anos acompanha o pai para Angola, quando este se torna governador do distrito

do Congo. Até que, em 1894, ingressa no Real Colégio Militar.

Começará aí, de forma discreta, dada a insignificância pública do caso, a sua longa história de desvios à norma, ao recusar, aos 16 anos, ser apresentado à família real. Não obstante, nesses dias de imaturidade seguiu a carreira naval e aos 18 anos entra ao serviço da Armada: aspirante da Marinha, tendo iniciado então o curso de marinha na Escola Naval, que concluirá em 1904. Parte então para Macau (1905), viaja até Newcastle, brevemente (1906), e, de imediato, é colocado na Estação Naval de Cabo Verde (até 1907), sendo aí promovido a segundo-tenente.

Esta carreira estável mas modesta conformava-se com a tradição familiar de um nome considerado mas sem grandes posses. Até que, em 1910, tudo começa a mudar. Em Junho casa com Luísa Epifânio da Silva, filha do proprietário da Imprensa do Anuário Comercial, onde Sérgio imprimira já as suas duas primeiras obras. Nesse mesmo ano visita Paris pela primeira vez e, a 6 de Outubro, a proclamação da República e o suicídio do seu grande amigo, o monárquico Frederico Pinho Chagas (filho de Manuel Pinheiro Chagas), Sérgio é detido e requer licença

ilimitada. Obtém-na a 8 de Novembro e, mais tarde, a 24 de Maio de 1915, requer a sua exoneração, deferida em dois dias. A causa para o afastamento, no imediato, parece ter sido o desgosto com a morte de seu amigo e problemas (indeterminados) de saúde. No entanto, já então um autor publicado, Sérgio pretendia lograr sem grande demora um efectivo trabalho doutrinário incompatível com a vida na Marinha e a disciplina a esta associada. Em 1908 havia publicado *Rimas* (poesia, que continuaria a escrever com o pseudónimo Álvaro de Clarival) e em 1909 *Notas sobre os «Sonetos» e as «Tendências Gerais da Filosofia» de Antero de Quental* (textos ainda sem verdadeira unidade). A sua colaboração na imprensa, generalista ou especializada, durante a monarquia terá sido, quanto muito, discreta. O acontecimento republicano, verdadeira refundação de Portugal, claramente fê-lo tomar uma decisão quanto à sua vida que até aí permanecera cerceada pela tradição familiar. Doravante, é como pedagogo que pretende ser reconhecido.

Durante 1911 é já director da revista *Serões* (desde Janeiro desse ano até Dezembro, quando a publicação encerra). Nesse mesmo ano relaciona-se com os seus mais relevantes companheiros de jor-

nada, Raul Proença e Jaime Cortesão, colabora em *A Águia* e junta-se ao movimento, então nascente, Renascença Portuguesa (do qual chega a ser tesoureiro do comité de Lisboa). A partir de 1912, e durante longo período, passa a trabalhar numa grande empresa editorial (Kellog), partindo nesse mesmo ano para Londres e, ainda em 1912 e até 1914, para o Rio de Janeiro. Voltará então a Portugal, depois de breves passagens por Nice (motivos de saúde) e Genebra (procurando inteirar-se de novos métodos pedagógicos). O retorno, em final de 1914, é marcado pela ruptura com o grupo da Renascença Portuguesa, aliás já prefigurada em 1913, pouco depois de chegar ao Brasil, quando publicara em *A Águia* o escrito polémico (ainda que amigável, dirigido a Jaime Cortesão) «Variações do amigo banana, amador de estudos históricos, sobre Inquisição e Humanismo; divulgadas para entretém dos ociosos por um seu familiar indiscreto e também amador dos ditos estudos». Agora, em 1914, é directamente com o mentor do grupo, Teixeira de Pascoaes, que Sérgio polemiza, e de modo bem mais agreste, até um esfriar de relações que nunca mais se recompuseram. Pascoaes havia discutido com Proença a posição da Renascença Portuguesa quanto à questão europeia,

isto é, que Europa e que modernidade interessavam ao grupo, afirmando então que se deveria manter uma intransigência completa perante quaisquer influências religiosas e estéticas, de modo a manter uma pureza identitária marcada pela «saudade», um sentimento que seria supostamente específico dos portugueses (cf. Samuel, 1990: 182-187). Esta discussão interna entre Sérgio e seus companheiros da Renascença Portuguesa será, pois é a mesma polémica, no fundo, envolvendo Cortesão e Pascoaes, que se estende por vários anos, apenas a primeira das polémicas que irão ficar, para sempre, associadas ao sergianoismo.

Não há como subestimar esta relevância do polemismo, em especial atendendo ao facto de a história literária (em grande medida sinónima de história da cultura) portuguesa ser feita de polémicas. É de bom tom louvar a Sérgio o espírito combativo ou censurar-lhe o «caprichismo» (António José Saraiva), mas seria bem mais acertado observar como esse traço, que cultivou com particular cuidado, era antes de mais um modo de acção no espaço público e, em particular, no campo literário do Portugal de então. A influência que Sérgio obteve não se deve a ter recorrido ao polemismo, mas ao seu sucesso

público nas polémicas em que se envolveu (não significando isto, como é óbvio, que tivesse sempre razão). Ou seja: filho do seu tempo, Sérgio vingou, sem necessitar de se acolher a nenhum círculo preexistente, fruto da sua capacidade de criar (ainda que precariamente) os seus próprios circuitos. Os quais, como é normal, ainda hoje, na sociedade portuguesa, conjugavam meios literários, políticos, mediáticos, entre outros. Para tanto foi discutindo com Cortesão e Pascoaes na década de 1910 em torno de matérias de identidade nacional, como já referimos; com António Sardinha e outros próximos do Integralismo Lusitano na década de 1920, a respeito da interpretação da História de Portugal, e com Cabral de Moncada a respeito do pensamento político português; com Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões, do grupo literário «presença» na década de 1930, e, nessa mesma década, com Abel Salazar sobre ciência e com Leonardo Coimbra sobre educação. Acima de tudo, discutiu com a jovem geração que gradualmente se apoderava da *Seara Nova* a partir da década de 1930, e que o atacava aí e noutras publicações que hoje catalogamos genericamente como neo-realistas (*Sol*, *O Diabo*): foi sempre no concurso pela influência sobre a juventude (preocupação pedagógica já

patente nas discussões na Renascença Portuguesa e nunca abandonada) que se confrontou com os comunistas, mesmo nas empresas em que momentaneamente se aliou a eles (como em campanhas eleitorais), sendo as polémicas mais relevantes as que manteve na década de 1940 (com Bento de Jesus Caraça) e 1950 (com António José Saraiva). Depois da década de 1950, a sua actividade diminui e igualmente a sua influência. Mas cumpre salientar que mesmo nas décadas da sua maior capacidade de intervenção Sérgio foi, além de polemista, um aglutinador de esforços, bem na linha do pedagogismo que propunha: esteve na criação da Renascença Portuguesa, da *Seara Nova*, do movimento dos *Homens Livres* (cuja revista unia inclusivamente integralistas e anarquistas, o que em muito explica a sua vida breve de apenas dois números pouco antes da queda da I República), do grupo de exilados parisienses conhecido como «Liga de Paris», da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, bem como de muitos círculos informais nos quais se cruzaram tantos dos mais influentes oposicionistas portugueses ao Estado Novo e que contribuíram para numerosas campanhas (eleitorais e não só) de oposição ao salazarismo. Nada disto se opõe ao polemismo, a liga-

ÍNDICE

Nota introdutória	5
1 — Vida e obras	10
2 — Filosofia e ciência	24
3 — História e economia	44
4 — Política e pedagogia	70
5 — Posteridade e recepção da obra	92
<i>Leituras adicionais</i>	96

Colecção Essencial

Últimas obras publicadas:

80. D. JOÃO DA CÂMARA
Luiz Francisco Rebello
81. FRANCISCO DE HOLANDA
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
82. FILOSOFIA POLÍTICA MODERNA
Paulo Ferreira da Cunha
83. AGOSTINHO DA SILVA
Romana Valente Pinho
84. FILOSOFIA POLÍTICA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
Paulo Ferreira da Cunha
85. O ROMANCE HISTÓRICO
Rogério Miguel Puga
86. FILOSOFIA POLÍTICA LIBERAL E SOCIAL
Paulo Ferreira da Cunha
87. FILOSOFIA POLÍTICA ROMÂNTICA
Paulo Ferreira da Cunha
88. FERNANDO GIL
Paulo Tunhas
89. ANTÓNIO DE NAVARRO
Martim de Gouveia e Sousa
90. EUDORO DE SOUSA
Luís Lóia
91. BERNARDIM RIBEIRO
António Cândido Franco
92. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO
José-Augusto França

93. AVERRÓIS
Catarina Belo
94. ANTÓNIO PEDRO
José-Augusto França
95. SOTTOMAYOR CARDIA
Carlos Leone
96. CAMILO PESSANHA
Paulo Franchetti
97. ANTÓNIO JOSÉ BRANDÃO
Ana Paula Loureiro de Sousa
98. DEMOCRACIA
Carlos Leone
99. A ÓPERA EM PORTUGAL
Manuel Ivo Cruz
100. A FILOSOFIA PORTUGUESA (SÉCS. XIX E XX)
António Braz Teixeira
- 101/102. PADRE ANTÓNIO VIEIRA
Aníbal Pinto de Castro
103. A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE
Guilherme Braga da Cruz
104. JOSÉ MALHOA
José-Augusto França
105. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA
José Esteves Pereira
106. ANTÓNIO SÉRGIO
Carlos Leone

Composto e impresso
na
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
com uma tiragem de 800 exemplares.
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se
em Julho de dois mil e oito.

ED. 1015666
ISBN 978-972-27-1690-1

DEP. LEGAL N.º 275 723/08